



## Quando eu nasci o batuque já existia: A poscolonialidade revisitada em duas décadas de *batuque* cabo-verdiano em Lisboa\*

Jorge Castro Ribeiro  
Universidade de Aveiro

### Resumo

O grupo Finka-Pé da Associação Moinho da Juventude na Cova da Moura, Amadora, fundado em 1988, é o mais antigo grupo de *batuque* cabo-verdiano na região de Lisboa. Sedeado num bairro clandestino da periferia de Lisboa onde vivem as suas componentes, tem participado activamente no processo de afirmação e “empowerment” aí desenvolvido, na divulgação da cultura cabo-verdiana, e na afirmação de uma relação pós-colonial entre Cabo Verde e Portugal. Ao longo de vinte anos de existência passou por mudanças importantes: assimilou jovens da segunda geração nascidas em Portugal e criou um espaço de prática de *batuque* aberto à comunidade. A ideia “quando eu nasci o *batuque* já existia” - que está presente no discurso das batucadeiras quer do século XIX, quer no presente - lança na arena do debate etnomusicológico e pós-colonial a actualidade renovada de um género musical capaz de atravessar o tempo e o espaço para inventar novas formas de cumprir dimensões de resistência, reivindicação e evasão.

### Palavras-chave

Migração, *batuque*, poscolonialismo

### Abstract

The female group Finka-Pé is the most ancient cape verdian *batuque* group in Lisbon. It was founded in 1988 within the activities of Moinho da Juventude a local association in Cova da Moura, Amadora. It is located in a clandestine neighbourhood in the suburbs of Lisbon where the members of the group live. It plays an active role in a locally developed process of social affirmation and “empowerment”, has a great public activity presenting cape-verdian culture and helps to affirm a post-colonial relation between Cape Verde and Portugal. During its twenty years of existence the group has experienced important changes: it assimilated second generation girls born in Portugal and it created a space for *batuque* practice open to the public. The idea “when I was born *batuque* was there already” – which is present in the discourse of *batuque* performers both of the XIXth century and the present – offers a point of reflection in the ethnomusicological and post-colonial debates about the renewed actuality of this musical genre. *Batuque* has crossed the time and the space and has created new dimensions of resistance, claim and evasion.

### Key words

Migration, *batuque*, post-colonialism

### Introdução

O grupo Finka-Pé do bairro do Alto da Cova da Moura, no concelho da Amadora, formado em 1988, é o mais antigo grupo de *batuque* cabo-verdiano em actividade na Área Metropolitana de Lisboa. Inicialmente constituído por mulheres imigrantes de Cabo Verde, hoje conta cerca de 15 componentes,

---

\* In *Música, ciudades, redes: creación musical e interacción social. Actas del X Congreso de la SIBE. Sociedad de Etnomusicología; V Congreso IASPM-España; II Congreso de músicas populares del mundo hispano y lusófono*. Edited by Rubén Gómez Muns y Rubén López Cano (Salamanca: SIBE-Obra Social Caja Duero, 2008).



algumas das quais jovens descendentes de cabo-verdianos, nascidas em Portugal, já depois da formação do grupo Finka-Pé. No panorama da presença da cultura cabo-verdiana poscolonial contemporânea em Portugal este grupo constitui uma importantíssima marca de diferenciação pela oposição que a música que pratica - o *batuque* - estabelece em relação aos géneros musicais cabo-verdianos, históricos, divulgados em Portugal, e conotados com a hibridização colonial, nomeadamente a *morna* e a *coladera*.

A emergência da prática do *batuque* em Portugal em grupos formalmente estruturados, no final dos anos oitenta, há cerca de vinte anos atrás, portanto, parece reflectir duas realidades importantes:

a) a presença das mulheres que marca o momento da conclusão do processo gradual de reunião familiar em Portugal de muitas famílias da população cabo-verdiana que tinha iniciado a imigração pelos homens, ainda nos anos 60, estendendo-se pelos anos 70 e fechando um ciclo nos anos 80 com a chegada das mulheres e restantes familiares (Horta, 2008:65-120 e França 1992:20-22), prolongando-se depois até aos dias de hoje numa dinâmica circulatória transnacional muito própria dos cabo-verdianos;

b) a afirmação em Portugal, de uma tendência já verificada no arquipélago desde a independência em 1975, do uso dos géneros musicais com elementos mais associados à cultura africana, "(...) menos crioualizados (como o *batuque*, o *funaná* e a *tabanca*), na maioria da ilha de Santiago e com histórias de repressão portuguesa. Esta situação levou a reformulações das raízes musicais cabo-verdianas, privilegiando as fontes africanas por oposição às europeias" (1) (Sieber 2005:125).

O *batuque* é precisamente um género musical, poético e coreográfico sobretudo praticado por mulheres, historicamente associado à ilha de Santiago, de cabo Verde, e aos elementos africanos da sua cultura. (Lopes 1949: 43 e Gonçalves 2006: 17-27) Contudo, na actualidade, enquanto dado da identidade cabo-verdiana poscolonial, o *batuque* é praticado não só em Cabo Verde mas também numa rede transnacional de comunidades da diáspora em cidades de



Portugal, Espanha, França, Holanda, Luxemburgo, Senegal, São Tomé e Príncipe e Estados Unidos da América (2).

A relação pós-colonial de Cabo Verde e Portugal é marcada pela “longa e violenta história do colonialismo (...) que inclui histórias de escravidão, inúmeras e silenciosas mortes por opressão ou negligência, de imigração forçada e diáspora (...) a apropriação de territórios, a institucionalização do racismo, a destruição de culturas e a imposição de outras culturas.” (Young 2001: 4) O que implica a “reconsideração desta história, particularmente da perspectiva dos que sofreram os seus efeitos, juntamente com o esclarecimento do impacto contemporâneo dos seus efeitos culturais e sociais.” (Young 2001: 4). A comunidade cabo-verdiana imigrada em Portugal, num contexto migratório poscolonial, ainda “vive sob as violentas rupturas do acordar da sua história colonial” (ibidem), na medida em que a história determinou a configuração e as estruturas de poder do presente. Tal como aponta o antropólogo Frederick Erickson citado em Sieber (2002: 169) “a música é por excelência um símbolo de afinidade marcando os limites políticos e psicológicos, entre o familiar e o não familiar – entre ‘nós’ e ‘eles’ - e estabelece linhas de afinidade de identidade, tal como limites dentro e entre comunidades”.

Em Portugal, ao longo dos últimos vinte anos, o *batuque* (a par da festividade anual do *Kola S. Jon*) foi o único género musical de origem cabo-verdiana que se estabeleceu e desenvolveu fora dos circuitos do mercado comercial da música, numa lógica de sobrevivência cultural e patrimonial. É significativo também ser o único género musical colectivo feminino. As mulheres envolvidas nesta prática embora tenham uma pequena remuneração pela participação, não têm no *batuque* uma actividade profissional fixa, mas sim um complemento do seu rendimento pessoal e familiar. A participação no grupo de *batuque* é uma actividade de representação social e cultural simbólica, é uma oportunidade de desenvolvimento pessoal através das viagens, dos convívios, das visitas, etc. Pelo contrário, noutros géneros musicais cabo-verdianos de dança e de consumo em discotecas, restaurantes e bares, ou no domínio da



indústria da gravação – como o *funaná*, o *zouk*, o *rap*, a *morna* ou a *coladera* - estabeleceram-se, em Portugal padrões de profissionalização entre os músicos – sempre homens, excepto no canto - que lhes permitem abordar a música não especificamente pelo seu lado simbólico e cultural, mas antes pela sua dinâmica comercial.

Este artigo tem por objectivos principais rever e examinar vinte anos de prática de *batuque* em Portugal, partindo da actividade do grupo mais antigo e de maior proeminência pública, o grupo Finka-Pé. Este grupo está sedado na Associação Cultural Moinho da Juventude (ACMJ), no bairro do Alto da Cova da Moura, concelho da Amadora, no distrito de Lisboa, em Portugal.

Tive os primeiros contactos com a comunidade (3) cabo-verdiana imigrada em Portugal, na região da Área Metropolitana de Lisboa e iniciei a aprendizagem do crioulo cabo-verdiano em 1992. Nesse ano fiz trabalho de campo em Cabo Verde (Sal, São Vicente, Santo Antão, Santiago e Fogo) e continuei o trabalho de pesquisa sobre a música cabo-verdiana na região de Lisboa, até 1996, dedicando especial atenção ao *batuque*. Efectuei entrevistas, observações e gravações junto das pessoas das comunidades migrantes cabo-verdianas dos chamados “bairros degradados” da Pedreira dos Húngaros e do Alto de Santa Catarina (4), no concelho de Oeiras, no bairro do Rego em Lisboa e nos bairros 6 de Maio e Alto da Cova da Moura, no concelho da Amadora. Voltei a Cabo Verde para trabalho de campo em 1998 e 1999. Entre 1999 e 2006, mantive contactos esporádicos, sobretudo com pessoas do grupo de *batuque* Finka-Pé e da sua instituição hospedeira, a ACMJ. Em 2006 regressei ao terreno para realizar novo trabalho de campo no bairro do Alto da Cova da Moura. Desta vez, para além de entrevistas, observações e gravações do grupo de *batuque* Finka-Pé, realizei pesquisa de arquivo extensiva na ACMJ.

A minha pesquisa nos anos 90 abordou tópicos como a identidade, a utilização da música pela comunidade como instrumento de reivindicação e de negociação social, como processo de manutenção da sua memória cultural pré-migratória, e como afirmação identitária centrada num aspecto sonoro de



características africanas – configurando aquilo que interpretei como reivindicação e como evasão pessoal (Ribeiro, 2007). A pesquisa realizada entre 2006 e 2008, incidiu, entre outros aspectos, nas modificações ocorridas ao longo dos últimos vinte anos na organização e constituição do grupo Finka-Pé, no repertório, nos contextos em que o grupo se apresenta, no enquadramento institucional e no discurso sobre o *batuque*, observadas na perspectiva dos estudos poscoloniais. Como afirma Young “o poscolonial também especifica uma situação histórica transformada e as formações culturais que surgiram em resposta às mudanças das circunstâncias políticas, no anterior poder colonial” (2001:57). De certo modo este microcosmos de relações sociais e culturais que se jogam entre o bairro do Alto da Cova da Moura, a Associação Cultural Moinho da Juventude, o grupo de batuque Finka-Pé, as suas componentes e, finalmente, pelo próprio *batuque*, é um espelho, em pequena escala, das macro relações sociais, culturais e políticas, poscoloniais, contemporâneas, entre Portugal e Cabo Verde, entre a Amadora e a Cova da Moura, entre portugueses e cabo-verdianos.

#### **“Quando eu nasci o batuque já existia”**

A música e a dança frequentemente são assumidas como património cultural que se revela fundamental para a construção e afirmação de identidades individuais e colectivas. No caso das comunidades diaspóricas e concretamente no caso dos cabo-verdianos, este é um tópico incontornável. Os cabo-verdianos, afirma Sieber (2005:132), “em todo o lado parecem fazer uma escolha estratégica sempre que a sua identidade poscolonial esteja envolvida – enfatizar os elementos independentes, não portugueses – da sua cultura e tradição, como centrais da sua identidade.” Independentemente do eventual interesse pela cultura portuguesa que manifestam frequentemente, não é, pois, estranho, que a música (e, no caso de Portugal o *batuque*), a par da língua crioula e da gastronomia cabo-verdiana, sejam os aspectos mais valorizados do ponto de vista da herança patrimonial que os imigrantes cabo-verdianos da diáspora mais cultivam e preservam.



Na afirmação de uma identidade poscolonial cabo-verdiana, estrategicamente o *batuque* é - entre outros os géneros musicais - aquele em que o movimento associativo melhor reconhece uma representação cultural, patrimonial e folclórica, cabo-verdiana, não comercial, prática e distintiva das práticas conotadas com a herança híbrida colonial. De igual modo, as pessoas envolvidas na sua prática desenvolvem também um discurso que sublinha a sua dimensão patrimonial, de herança, e o seu papel de resistência ao colonialismo português. É conhecido e frequentemente divulgado pelos grupos de *batuque*, a título de exemplo, um edital das autoridades portuguesas na cidade da Praia, em 1866, proibindo “os batuques em toda a área da cidade”. (Governo Geral 1866:3)

A noção “quando eu nasci o batuque já existia” é referida por Nha Guida Mendi (Margarida Mendes Varela, 1897-1991), uma importante intérprete de *batuque* nascida na freguesia de São Lourenço dos Órgãos, ilha de Santiago, Cabo Verde, e cuja biografia foi publicada por Tomé Varela da Silva, antigo Director Geral da Cultura de Cabo Verde a partir do seu testemunho oral:

(...) Nha Guida era ainda menina pequena quando começou a brincar ao batuque com as meninas da sua idade. O pai de Nha Guida era, nas suas palavras ‘chefe de *batuque* e tinha dom da *finassom*’; também a mãe de Nha Guida era batucadeira e cantadeira de *finassom*. Nha Guida ainda era menina quando foi posta no terreiro e obrigada a cantar sob a ameaça de ter que pagar uma multa de um litro de grogue. Foi em Galeão, na freguesia de São Lourenço dos Orgãos; foi a sua primeira actuação pública. Quando ela abriu a boca para cantar, todas as pessoas se admiraram, todos a gabaram e diziam: ‘Que Deus a abençoe’. (Silva 1990, 26)

Esta mulher que esteve durante muitos anos activa como cantadeira em Cabo Verde sendo frequentemente contratada para festas de casamento, baptizado e festas religiosas, gozando de um grande prestígio social, é uma referência incontornável da história do *batuque*. A ênfase que dá no seu discurso à antiguidade do *batuque* revela uma reverência patrimonial por esta prática musical, poética e coreográfica de amplo alcance social e cultural. De facto, na ilha de Santiago, o *batuque* e a *finassom* - um género poético musical que



emparelha por vezes com o *batuque* e que, nessas circunstâncias, é designado por Silva (1988:76) por *sambuna* - constituíam até meados do século XX, juntamente com o *funaná*, os mais privilegiados géneros musicais e coreográficos utilizados e difundidos. A sua prática era central e quase exclusiva das manifestações musicais da população rural. O *batuque* veiculava sabedoria popular, notícias, críticas e louvores, clarificava juízos morais sobre os acontecimentos que narrava, comentava eventos e, finalmente, proporcionava – praticamente sem outros meios que não o próprio corpo - divertimento e evasão. Era, pois, visto por Guida Mendi (mas também por outras batucadeiras famosas e importantes como Nha Bibinha Cabral ou Nha Nácia Gomi) como uma herança cultural que importava valorizar, respeitar, preservar e transmitir.

A mesma ideia de pré-existência antiga do *batuque* foi-me afirmada em 2007, no decurso de uma entrevista, por N. B., nascida em 1993, em Portugal, habitante do bairro do Alto da Cova da Moura e uma das mais novas componentes do grupo *Finka-Pé*. (entrevista, Dez 2007)

Não sei explicar muito bem qual é a origem do *batuque*. Desde sempre me lembro do *batuque*. Eu sei que o pai da minha mãe já dançava. E praticamente nós todos os seus filhos [da minha mãe] também dançamos. Como nós fomos criados assim, nós gostamos de *batuque*. Se a minha mãe diz que o seu pai já dançava, é porque o *batuque* é muito antigo. De certeza que já existia quando eu nasci.”

N. constatava assim que a dança que aprendeu vendo a sua própria mãe dançar – a *dança do torno*, que constitui a dimensão coreográfica do *batuque* - já era anterior a ela mesma. O restante discurso de N., substancialmente enformado pelo exemplo e discurso da sua mãe, estabelece um quadro de respeito e valorização patrimonial sobre o *batuque*, destaca o aspecto da aprendizagem que construiu apenas a partir da observação e da imitação (mas que decerto é reforçado pela opinião das pessoas mais velhas), e aponta igualmente o gosto pelo *batuque*: “Eu gosto de ouvir. Tenho cd e dvd de *batuque*. Gosto de ouvir e às vezes dá-me uma energia de repente, levanto-me



e ponho-me a dançar junto com a minha mãe e a minha irmã. É divertido, eu gosto.” (entrevista Dez. 2007).

Para além do *batuque* N. segue os padrões de gosto e consumo musical contemporâneo da juventude cabo-verdiana do bairro e da diáspora cabo-verdiana em geral, de resto, de acordo com o que Sieber (2005) constatou para a juventude cabo-verdiana de Boston e Rhode Island: “Ouço Kizomba, funáná, zouk e outras”. (entrevista Dez. 2007). Finalmente N. refere as possibilidades que a participação no grupo oferece em termos de convívio, oportunidades de viajar, conhecer outros lugares, e também o prestígio que lhe proporciona junto das amigas que têm interesse pela sua actividade de dança no *batuque* e querem saber como aprendeu e mostram vontade de aprender:

As minhas amigas que não fazem parte do grupo gostam de *batuque*. Às vezes algumas perguntam-me como é que se dança *batuque*? Elas não sabem muito bem como se *dança com o torno*. E quando vêm ficam excitadas e perguntam: Como é que se dança? E é para eu as ensinar. E eu digo que é uma coisa que aprendi com a minha mãe, mas que também não sabia muito bem, primeiro. E não sabia mesmo. Então fui aos ensaios e ficava a ver. E quando a música dava aquela energia, elas [as mulheres do grupo] tocam e cantam alto, e eu vou no ritmo. Quando tem ritmo elas cantam e tocam alto. E vai evoluindo pouco a pouco. Antes de lá ir eu também não sabia. Mas agora já vou bem. E elas ficam interessadas em gostam daquilo. Tocar e dançar.

A mãe de N., D. M., nascida em 1968, na Cidade Velha, em Cabo Verde, residente em Portugal desde os 19 anos, numa longa entrevista (Dez.2007), reafirmou a importância e o gosto pelo *batuque* referindo-se à dimensão patrimonial desta tradição para si, porque o seu pai também estivera envolvido:

O *batuque* para mim até hoje é muito importante e muito significativo e tem um porquê. Porque no *batuque* havia histórias que eu ouvia do meu pai. É uma coisa que eu quero levar até ao fim. Eu gostava, num sítio qualquer quando eu chegava todos falavam dele. Era uma coisa fantástica. Era uma pessoa que bebia só um ‘groquinho’ e brincava. Não tinha má-criação, não tinha maldade. Quando eu chegava e conhecia uma pessoa com quarenta anos ou mais perguntava: Conhece Bino Gomi? Então era uma alegria. Eu dizia





que era filha dele. E havia pessoas que diziam: ‘ainda bem que vim aqui’. Portanto era um orgulho saber que essa pessoa era o meu pai.

D. M. foi uma das grandes impulsionadoras do grupo e a sua vida em Portugal tem sido amplamente condicionada pela pertença ao grupo Finka-Pé. Graças a esta condição viajou já por todo o país, foi a Espanha, à Bélgica e a Cabo Verde onde a delegação do grupo foi recebida com honra e admiração, em 1996. Aprofundou as relações de amizade e solidariedade com as colegas do grupo, teve a possibilidade de transmitir às filhas e outras familiares a prática do *batuque*, ganhou dinheiro, teve experiências de comunicação musical muito intensas e conheceu inúmeros lugares e sítios aos quais, com certeza, nunca teria ido se não fizesse parte do grupo Finka-Pé.

### **O bairro do Alto da Cova da Moura, a Associação Cultural Moinho da Juventude e o Grupo Finka-Pé**

Quando visitei pela primeira vez a D. Domingas Fernandes, em 1993, na sua casa no Alto da Cova da Moura, ela deu-me a ouvir uma cassete de *batuque* gravada por um familiar em Cabo Verde que lhe tinha sido enviada há pouco tempo. Era uma gravação caseira e documentava um grupo na ilha de Santiago, em Cabo Verde, em actuação durante um comício da campanha eleitoral que decorrerá nesse ano. Algumas *cantigas* falavam dos partidos políticos locais. Ela contou-me que por vezes as famílias de cabo-verdianos gravavam cassetes com sessões de *batuque*, tanto em Portugal como em Cabo Verde, que depois enviavam para os familiares que estavam longe. Nas letras cantadas, contavam novidades e substituíam assim as cartas que poucos sabiam ler e escrever.

Domingas Fernandes era, nessa altura, uma das cerca de 15 habitantes do bairro do Alto da Cova da Moura, imigrante de Cabo Verde, que na ACMJ participava nas actuações do grupo de *batuque* Finka-Pé. Graças a este envolvimento no grupo, tinha ido no ano anterior, 1992, à Exposição Universal de Sevilha, em Espanha, actuar em representação de Cabo Verde. Ganhara algum dinheiro nessa actividade e manifestava um grande interesse em estar



no grupo de *batuque*. Contou-me que cada vez que tocava e dançava *batuque* regressava por momentos a Cabo Verde e às recordações da sua vida antes da imigração. Revelou-me também que tinha muito gosto que os seus filhos tivessem oportunidade de conhecer o *batuque*, mesmo vivendo em Portugal, na Cova da Moura. Finalmente referia a importância que o grupo de *batuque* tinha tido no estabelecimento de novos contactos e amizades dentro do próprio bairro.

Nessa época o bairro do Alto da Cova da Moura era um “bairro degradado” de imigrantes, na periferia de Lisboa, como Domingas e a sua família, substancialmente diferente do que encontramos hoje, onde se desenvolvia um projecto comunitário em torno da ACMJ. O bairro de auto-construção clandestina pelos seus moradores começou a configurar-se durante os anos 70, com a instalação de ‘retornados’ (5) das ex-colónias portuguesas, após a descolonização. Durante os anos 80, em resposta ao intenso fluxo migratório de Cabo Verde, a expansão do território do bairro prosseguiu até ao limite e depois com a construção de mais pisos em muitas casas já existentes. Foi nessa época que se delimitaram claramente uma área de influência africana e uma área de influência europeia (Horta 2008: 179-236). Tratava-se de um processo urbanístico resultante de uma dupla pressão centrípeta, fruto das condições económicas, sociais e demográficas da população. Por um lado do bairro suburbano, na Amadora, em relação à metrópole – Lisboa – e, por outro lado, dentro do bairro, da população africana em relação à população europeia. No final dos anos 80 o bairro atinge cerca de 6.500 moradores, número que se mantém até hoje. Destes, cerca de 60% são cabo-verdianos. (id)

A natureza clandestina do bairro levou a um desenvolvimento urbanístico complexo realizado de acordo com os interesses dos moradores criando estrategicamente espaços de passagem, pequenos largos e pontos de encontro e sociabilidade, pequenos cafés ou comércio, que têm grande importância na organização social de quem ali vive. A necessidade de melhorar as condições de vida no bairro e de haver uma intervenção e representação



colectiva foi o ponto de partida para a criação da “Associação Cultural Moinho da Juventude”.

Nascida nos primeiros anos da década de 80 a partir de um trabalho informal de animação de crianças, organização de mulheres e de luta pelo saneamento básico, a ACMJ é hoje um Projecto Comunitário. Foi constituída pelos moradores confrontados com problemas comuns e que através duma acção conjunta foram alargando e consolidando os alicerces e objectivos da sua acção. As actividades desenvolveram-se a nível social, cultural e económico de uma forma extremamente activa, na melhoria das condições dos habitantes do bairro, na legalização dos trabalhadores imigrantes, no apoio às famílias ao nível da educação e ensino das crianças, entre outros aspectos. A preservação e divulgação da cultura de origem dos moradores foram também eixos importantes das suas actividades, traduzidas na criação de grupos como o “Kolá S. Jon”, e do “Grupo de Batuque Finka-Pé”. A ACMJ mantém também estruturas de apoio educativo e actividades para jovens, crianças e adultos.

A filosofia de acção da Associação Moinho da Juventude assenta em 12 princípios estruturantes.

1. INTERCULTURALIDADE: Respeitar e valorizar a minha cultura e a cultura dos outros.
2. Estimular o diálogo. A comunicação = base do nosso trabalho.
3. Estimular a alegria e a boa disposição.
4. GENDER: Estimular o desenvolvimento dos componentes masculinos e femininos que existem dentro de cada pessoa.
5. Respeitar as convicções políticas e religiosas das pessoas.
6. Estimular o trabalhar em grupo. Estimular a cooperação.
7. EMPOWERMENT: Valorizar as minhas capacidades e as capacidades dos outros; participar na reflexão e na tomada de decisão baseada na reflexão.
8. Respeitar o meio ambiente. Cuidar do material, do equipamento.
9. Estimular a criatividade.
10. Ser persistente. Não desistir face aos primeiros obstáculos.
11. Executar o trabalho com qualidade, com eficiência e eficácia.
12. Ser solidário, sobretudo com as pessoas que tiveram menos oportunidades.



(Associação Cultural Moinho da Juventude, “Traves Mestres” in [http://www.moinhodajuventude.org/associacao/traves\\_mestras.htm](http://www.moinhodajuventude.org/associacao/traves_mestras.htm) consultado em 20 de Fevereiro de 2008)

A dupla preocupação da ACMJ com os imigrantes cabo-verdianos e a sua cultura levou ao impulso para a criação de um grupo musical e de dança: o grupo de *batuque* Finka-Pé. Contudo, dentro do bairro a maior representação cultural cabo-verdiana era precisamente aquela que não estava conotada com os géneros cabo-verdianos essencialmente urbanos, historicamente forjados num processo de hibridização musical que envolveu elementos de origem europeia, africana, brasileira e outros – sobretudo a *morna* e a *coladera* - característica do passado colonial de Cabo Verde. A maior percentagem de população cabo-verdiana no bairro era precisamente a população rural oriunda do interior da ilha de Santiago, portadora de pouca ou nenhuma instrução escolar mas de uma cultura com traços profundamente africanos. Assim, o género musical escolhido para esta representação da cultura materna dos habitantes cabo-verdianos do bairro foi precisamente o *batuque*.

Tendo em atenção o desenraizamento que os migrantes enfrentam no seu dia-a-dia e tendo em conta o trabalho de intervenção comunitária procura-se que os valores culturais sejam potenciados e reconhecidos. As mulheres do grupo *Finka-Pé* sentiam intuitivamente a importância do *batuque*, que faziam nas festas de casamento e baptizado. Estavam conscientes da sua identidade cultural, uma identidade não construída pela negativa, contra ou a favor de uma referência europeia, mas pela positiva, por aquilo que é. O *batuque* é uma integração do corpo, dos sentimentos: dançando e cantando vão exprimindo os medos, receios, preocupações, vão dando conselhos e esperanças, vão reflectindo sobre o papel da mulher.

Os seus filhos tinham no início uma certa apreensão perante a participação das mães nos *batuques* com portugueses presentes: é a complexidade da convivência de culturas.

O reconhecimento que o *Finka-Pé* obteve pela sua actuação no programa ACARTE na Gulbenkian em '93 despoletou um salto na auto-estima das mulheres, mas sobretudo um reconhecimento da cultura dos pais pelos filhos.

A vida quotidiana está integrada na sua arte que é a arte do corpo enquanto vivência absoluta das suas emoções, dos seus pensamentos, sensações e problemas. (Associação Cultural Moinho da Juventude “Filosofia de Formação” in [http://www.moinhodajuventude.org/associacao/filosofia\\_formacao.htm](http://www.moinhodajuventude.org/associacao/filosofia_formacao.htm) consultado em 20 de Fevereiro de 2008)



Quando o grupo Finka-Pé foi fundado, em 1988, entre os seus objectivos, e de acordo com o discurso da ACMJ e a minha observação, contavam-se:

a) a possibilidade de mostrar e afirmar à sociedade de acolhimento uma importante dimensão da cultura materna cabo-verdiana da maioria dos habitantes do bairro, numa lógica de paridade e igualdade cultural poscolonial;

b) a criação de um instrumento de desenvolvimento individual e de participação das pessoas envolvidas numa lógica de “empowerment” promovida pela ACMJ;

c) o estabelecimento de um veículo de negociação social e de reivindicação dos habitantes do bairro junto das autoridades portuguesas, através das histórias cantadas e dançadas do repertório e da configuração musical diferencial, africana, em relação aos paradigmas musicais “crioulizados” da tradição colonial cabo-verdiana. Paralelamente, ao longo dos anos, o grupo contribuiu de uma forma importante para a manutenção de vínculos culturais das novas gerações com Cabo Verde, para a transmissão e manutenção do *batuque* e ainda para a criação e renovação do repertório de cantigas.

A criação e institucionalização do grupo Finka-Pé foi estimulada e promovida pela ACMJ no âmbito das suas actividades, em 1989. Formaram-no inicialmente cerca de 18 mulheres, adultas, todas nascidas em Cabo Verde, onde tinham adquirido a experiência pessoal de prática do *batuque*. Vinte anos depois o grupo acusa transformações na configuração e no repertório. Nomeadamente a integração de jovens cabo-verdianas da segunda e terceira geração, nascidas e educadas em Portugal, a organização de sessões periódicas de *batuque* abertas à participação livre das pessoas do bairro ou de visitantes, designadas por “curso de batuque” e na adaptação de novos repertórios.

A cronologia seguinte mostra apenas alguns dos momentos mais importantes do percurso do grupo Finka-Pé. As actuações totalizam mais de 300, desde



1989 até 2007. O número total de cada ano indicado no quadro é aproximado - por defeito - com base nas fontes documentais.

**Quadro 1 – Cronologia do Grupo Finka-Pé**

Ano	Actuações mais importantes e outros aspectos significativos	Nº total
1988	Participação de um grupo de <i>batuque</i> da ACMJ num encontro de grupos de <i>batuque</i> , na Amadora.	
1989	Fundação oficial do grupo Finka-Pé. Primeiras actuações.	2
1990	Inauguração da sede da ACMJ. Aparecimento na televisão.	6
1991	Actuação na Fundação Calouste Gulbenkian, Museu de Etnologia, Universidade de Lisboa	13
1992	Actuação no Algarve Participação na Expo '92, em Sevilha, Espanha, representando Cabo Verde	23
1993	Actuações na Voz do Operário, Sines, Fundação Gulbenkian	33
1994	Actuações no espaço OIKOS	17
1995	Actuações em Segóvia, Espanha	26
1996	Digressão a Cabo Verde	20
1997	Realização do documentário “Mulheres do Batuque” de Catarina Rodrigues. Actuação em Viseu	25
1998	Participação em espectáculos na Expo '98, em Lisboa. Actuação no Porto	17
1999	Actuação na televisão	15
2000	Actuação no Coliseu dos Recreios	2
2001	Actuação no Porto e participação na gravação de um CD de João Afonso	6
2002	Actuação no Centro Cultural de Belém, em Portalegre. Entrada para o grupo das primeiras jovens da segunda geração	3
2003	Digressão à Bélgica. Transmissão do documentário na televisão pública	25
2004	Instituição do “curso de batuque”, quinzenalmente	23
2005	Actuações em Coimbra, Lisboa, Alvaiázere, Benedita	35
2006		22
2007		20



Desde finais de 1988 que o grupo Finka-Pé desenvolve uma acção extremamente importante para o bairro e para a comunidade cabo-verdiana em Portugal. Inicialmente as suas actuações decorriam no próprio bairro durante festas religiosas, casamentos, baptizados e outras ocasiões comemorativas nas aos poucos o âmbito foi-se alargando a eventos diversos fora do bairro. Durante os anos o grupo foi acumulando actuações em espectáculos e outros eventos cada vez mais longe da Amadora e em acontecimentos com maior relevo público, social e político. As actuações maioritariamente são na Área Metropolitana de Lisboa, mas desdobram-se um pouco por todo o país e passaram também por Espanha (1992, 1995), Cabo Verde (1996) e Bélgica (2003).

Os anos entre 2000 e 2002 foram de menor actividade. Uma das razões foi a dificuldade de estruturar o grupo devido à saída de Portugal de algumas mulheres no âmbito da lógica de circulação transnacional que os imigrantes cabo-verdianos frequentemente adoptam. Essa diminuição no número de mulheres e conseqüente diminuição da frequência de actuações foi ultrapassada em 2003. No final desse ano o grupo fez uma digressão pela Bélgica e logo no início de 2004 começaram a ser admitidas as primeiras jovens de segunda geração nascidas em Portugal.

Ainda nesse ano de 2004 a ACMJ iniciou a organização quinzenal de sessões de *batuque*, com o grupo Finka-Pé, abertas à participação livre do público designadas por “curso de batuque”. Estas sessões baseiam-se numa filosofia de abertura do bairro a visitas de pessoas do exterior e também a uma concepção terapêutica da prática do *batuque*, tendo por isso mais procura por pessoas de fora do bairro.



A análise da situação poscolonial de Cabo Verde e dos imigrantes cabo-verdianos em Portugal, no âmbito dos quais se explica e concebe a existência e actividade do grupo, mostra que os objectivos e motivações dos diferentes agentes envolvidos nos seus processos são, por vezes, radicalmente distintos. Os agentes envolvidos na actividade do grupo são:

a) as entidades responsáveis pela organização dos eventos que são, no fundo, mediadores do próprio público a quem se dirige a actuação, mas também decisores no que isso representa de manipulação do poder de representação cultural;

b) a ACMJ, enquanto representante institucional do grupo e seu interlocutor e, finalmente,

c) as mulheres que constituem o grupo Finka-Pé e que, com o seu próprio corpo, voz e movimento, materializam a actuação de *batuque*.

As motivações do público a quem se dirige a actividade do grupo Finka-pé, embora sejam centrais, não são consideradas à parte, assumindo-se que estão representadas pelos responsáveis da organização dos eventos.

### **Motivações**

O conceito de *motivação* aqui utilizado é uma interpretação pessoal do conceito da psicologia, aplicado numa perspectiva operacional e analítica à observação da psicologia social. Obviamente que as vozes de qualquer um destes três agentes são múltiplas e a análise que proponho, a uma só voz, assume-se como um instrumento analítico de perspectiva ética para a classificação tipológica. Interessa-me, pois, perceber bem as diferenças, objectivos e motivações dos vários agentes envolvidos na actividade do grupo, de modo a construir uma tipologia de categorias da sua actividade.





**Quadro 2 – Motivações dos agentes envolvidos na actividade do grupo**

<b>Responsáveis pela organização</b>	<b>Associação Moinho da Juventude</b>	<b>Mulheres do grupo de Batuque Finka-Pé</b>
Satisfazer o público:	Cumprir os objectivos da associação:	Satisfação de necessidades pessoais:
Proporcionar animação lúdica e estética;	Valorizar a cultura dos moradores do bairro;	Expressar desejos, alegrias, louvores, críticas, pedidos;
Proporcionar divulgação cultural;	Valorizar o papel social das mulheres	Ganhar dinheiro;
Proporcionar representação simbólica;	Representar institucionalmente os habitantes e suas necessidades;	Viajar;
	Organizar as pessoas;	Reforçar e transmitir a cultura materna;
	Proporcionar a transmissão cultural;	Usufruir dos benefícios físicos e psicológicos da prática do batuque;
		Sociabilizar com amigos e desconhecidos;

**A actividade do grupo de *batuque* Finka-Pé**

A observação da actividade do grupo ao longo do tempo, no que respeita à frequência e tipologia das actuações, é um indicador quantitativo precioso para interpretar qualitativamente o seu papel. A actividade modificou-se ao longo de vinte anos, revelando não só transformações internas na organização do grupo e na instituição de suporte, mas igualmente uma dinâmica própria da recepção da sua actividade. Estas transformações podem ser analisadas numa tipologia das actuações em função de diversos critérios e partindo da análise minuciosa de vários tipos de fontes e do cruzamento da informação por elas revelada.

As fontes documentais que foram analisadas são da ACMJ sobre o grupo Finka-Pé, cerca de 1000 documentos não classificados ou catalogados, que incluem programas, materiais de divulgação, recortes de imprensa, correspondência enviada e recebida (cartas, faxes, resumos manuscritos de conversas telefónicas, e-mails), listas manuscritas de presenças e pagamentos,



entre outros tipos. A informação foi ainda obtida a partir de entrevistas e conversas com membros do grupo, com organizadores de actuações e com membros dos públicos; notas de observação de campo.

Os critérios para esta tipologia integram e conjugam, naturalmente, diversas perspectivas sobre o tipo de organização e os objectivos das actividades. A categorização das actuações do grupo Finka-Pé é baseada numa avaliação empírica de cada evento e na combinação de diversos factores, sendo os mais significativos os seguintes:

- a) a natureza da entidade responsável pelo evento;
- b) os objectivos desse mesmo evento.

Nesta avaliação foi tida em linha de conta ainda uma segmentação dos eventos pelo seu tipo:

- a) Ingresso
  - paga / gratuita;
- b) Propósito do evento:
  - comercial / não comercial e, neste último tipo, pelas finalidades explícita ou implicitamente expressas pela organização:
    - a. Animação
    - b. Educação
    - c. Sensibilização
    - d. Comemoração
    - e. Formação
    - f. Convívio
    - g. Outras

Foram consideradas ainda as organizações e instituições que promovem a exibição do batuque, consoante o seu tipo:



- a) empresas de espectáculos, estabelecimentos comerciais, de hotelaria e outros;
- b) associações culturais e recreativas, comissões de festas locais, comissões organizadoras de jornadas, encontros, congressos e colóquios, organizações não governamentais (ONG's), entidades de educação e ensino e entidades de solidariedade social;
- c) autarquias, organismos governamentais e outros de base política e oficial;
- d) famílias e outras pessoas da rede familiar e de vizinhança com base na amizade e na solidariedade mútua.

Um aspecto importante para esta categorização seria o da remuneração das componentes do grupo Finka-Pé em cada evento. Contudo é uma condição assumida a existência de remuneração para todas as actividades. Neste aspecto o montante individual atribuído a cada pessoa não é um dado significativo já que o grupo deixa ao critério das entidades responsáveis pelos eventos o montante total. Exceptuam-se deste critério as actuações na sede do Moinho da Juventude, no âmbito do aniversário e das festas familiares. Desta análise resultou a seguinte tipologia:

a) *Espectáculos* - as actuações em espectáculos formais, na maioria com entrada paga. São organizadas por entidades profissionais ou comissões de festas e visam a animação do público proporcionando a assistência ao espectáculo; encontram-se nesta categoria as participações nas Festas do bairro, em festas religiosas, em festivais, como, por exemplo, *Portugal a Rufar*, *Andanças* ou na *Festa do Chicharo* em Alvaiázere; as actuações em hotéis ou em programas recreativos de televisão.

b) *Culturais* - as actuações que se revestem de uma dimensão cultural, de divulgação patrimonial, em que se pretende, sobretudo, que o público fique mais esclarecido sobre o *batuque*, a cultura cabo-verdiana, o bairro do Alto da Cova da Moura ou, então, questões relacionadas com a esfera da própria actividade global da ACMJ, como a multiculturalidade, a migração, a educação e a cidadania. Encontram-se nesta categoria grande parte das actuações



organizadas em Universidades, escolas, associações culturais, ONG's, congressos e eventos académicos ou organizadas por autarquias, por exemplo. Nesta categoria entram os eventos organizados por entidades que tendem a ver o grupo numa perspectiva poscolonial, de igual para igual, entre outros, como uma manifestação contemporânea de um Portugal multicultural em que a cultura cabo-verdiana é apenas mais uma das múltiplas manifestações expressivas centradas na música, na poesia e na dança.

c) *Comemorativas ou evocativas* - actuações em que o grupo de *batuque* aparece com um propósito ilustrativo de uma cerimónia simbólica. Frequentemente este propósito ilustrativo tem um carácter exótico, numa perspectiva paternalista ou colonialista, de evocação política e simbólica dos resultados actuais do histórico império português. Um império que apenas exista na memória, continua a estruturar-se em relações de poder assimétricas entre ex-colonizadores e ex-colonizados, que são visíveis e ilustrados na prática musical dos imigrantes cabo-verdianos em Portugal. Nesta categoria, paradoxalmente, estão envolvidos como responsáveis organizativos instituições próximas do poder político, como Comissões de Comemorações, Gabinetes Governamentais e as Autarquias. O seu público é institucional, sobretudo os interlocutores institucionais do poder político e, frequentemente, os órgãos de comunicação social. Embora o discurso de que se revestem os convites para este tipo de actuações não sugira explicitamente estes objectivos, eles estão claramente implícitos.

d) *Curso de batuque* – o promotor / responsável é a ACMJ que, desta forma, pretende levar uma vivência do batuque às pessoas que visitam o bairro ou que se interessam pela cultura cabo-verdiana, proporcionando-lhes a participação no *batuque*. Neste caso as pessoas que se interessam pelo *batuque* representam, numa perspectiva poscolonial, a abdicação da assimetria das relações de poder, e assumem uma relação cultural de igual para igual, tendo também uma atitude de aprendizagem com a experiência das batucadeiras.

e) *Lúdicas e rituais* - as actividades desenvolvidas na própria esfera familiar e pessoal das componentes do grupo, por iniciativa própria, que não envolvem sequer a mediação da ACMJ. São as festas privadas, familiares e os



momentos de convívio entre as mulheres do grupo e que não se enquadram senão na sua própria vivência colectiva do batuque. Estas situações surgem tanto em festas familiares, como nas viagens, em convívio ou em outras ocasiões informais.

**Quadro 3 – Tipologia das actividades do Grupo Finka-Pé**

<b>Tipo de actividade</b>	<b>Organização</b>	<b>Objectivos</b>	<b>Exemplos</b>
<i>Espectáculo</i>	Profissionais do espectáculo	Exibição musical e coreográfica	Festas do bairro, religiosas, festivais, hotéis, programas recreativos de televisão.
<i>Cultural</i>	Actividades de Educação, Sociais, Culturais. ONG's, Autarquias. Sem fins lucrativos.	Compreensão da cultura e sociedade	Congressos, jornadas, encontros, etc.
<i>Comemorativa / evocativa</i>	Estado. Representações oficiais.	Exibição simbólica. Servir o discurso político.	Inaugurações, celebrações nacionais, visitas de políticos...
<i>Curso de batuque</i>	Moinho da Juventude	Formação Intervenção.	Curso de batuque
<i>Lúdica / Ritual</i>	Mulheres do grupo	Convívio. Comunicação.	Baptizados, casamentos, convívios familiares

Do cruzamento desta análise com as motivações das mulheres do grupo Finka-Pé, da ACMJ e dos organizadores das actividades parece ressaltar que os objectivos frequentemente se afastam uns dos outros. Paradoxalmente a prática do *batuque* proporciona a satisfação simultânea de três agentes com necessidades diferentes sem isso significar, aparentemente, qualquer cedência de parte a parte. Pelo menos em três das categorias de actividade – “cultural”, “curso de batuque” e “lúdica / ritual” - a prática do *batuque* tem a capacidade de



reinventar a complexa relação de poscolonialidade com vantagens negociais para todas as partes.

Assim, as motivações, objectivos e resultados da prática de *batuque* parecem situar-se em três camadas paralelas que não se entrecruzam:

Para os organizadores – independentemente da natureza das suas motivações – a actuação do grupo Finka-pé é, de maneira geral, satisfatória no sentido em que proporciona a animação lúdica e estética ou a divulgação cultural ou ainda a representação simbólica. Para a ACMJ a actividade do grupo Finka-Pé dá cumprimento aos seus objectivos indo ao encontro dos interesses colectivos dos moradores sem colidir com os interesses individuais das mulheres do grupo de *batuque*. A cultura dos moradores e o papel social feminino são valorizados e os habitantes têm uma representação institucional dos seus interesses. Por fim, as mulheres do grupo, independentemente da natureza da actividade para que são convidadas, também satisfazem as suas necessidades pessoais. Cantam e exprimem os seus desejos, os louvores, críticas, pedidos e ambições; têm sempre um pequeno, mas não desprezável, ganho económico; viajam, mantêm e reforçam a sua cultura materna tendo, também a oportunidade de a transmitir aos filhos, usufruem dos benefícios físicos e psicológicos da prática do *batuque*; sociabilizam com amigos e desconhecidos e ainda vêm o seu prestígio social reforçado.

### **Conclusão**

O grupo de *batuque* Finka-Pé foi alargando o âmbito do seu papel social e cultural ao longo de duas décadas de existência institucionalmente enquadrada, na região de Lisboa. A relação pós-colonial contemporânea entre Portugal e Cabo Verde, que envolve esta dimensão imigratória dos cabo-verdianos, marcou e deixou-se marcar pelas actividades do grupo Finka-Pé e o *batuque* foi um ingrediente importante na consolidação de uma imagem poscolonial forte da comunidade cabo-verdiana em Portugal. A sua actividade desdobrando-se por uma multiplicidade de situações e perante diversos



agentes interessados no seu concurso consegue satisfazer simultaneamente objectivos contraditórios.

“Quando eu nasci o batuque já existia”: para Nha Guida Mendi, em Cabo Verde, no século XIX, o *batuque* era o mais importante recurso comunicacional que interessava preservar, respeitar e transmitir. Para N., noutro tempo e noutro espaço, o *batuque*, constituído como prática musical, poética e coreográfica protagoniza importantíssimos recursos de interface na negociação poscolonial na afirmação identitária individual e colectiva das mulheres pertencentes à comunidade cabo-verdiana imigrada em Portugal e a sua sociedade de acolhimento. O *batuque* mostra uma actualidade renovada capaz de atravessar o tempo e o espaço para inventar novas formas de cumprir dimensões de resistência, reivindicação e evasão.

## Notas

- (1) Todas as traduções de citações e de entrevistas neste artigo, tanto do inglês como do crioulo cabo-verdiano, são de minha responsabilidade e autoria.
- (2) Em Espanha, concretamente, existe uma pequena comunidade de cabo-verdianos no porto de Burela, província de Lugo, (González 2006) onde o batuque é praticado pelo grupo “Batuko Tabanka”.
- (3) O conceito de “comunidade” é complexo e tem suscitado um amplo debate académico. Contudo, utilizo-o no sentido de um grupo de pessoas que podem manter proximidade habitacional e uma rede de cumplicidades sociais independentemente da sua nacionalidade jurídica – portuguesa ou cabo-verdiana – e que se identificam uns aos outros como tal, entre si.
- (4) Estes dois bairros e muitos outros do concelho de Oeiras foram demolidos antes de 2003.
- (5) ‘Retornados’ é a designação pela qual ficaram conhecidos os colonos portugueses que vieram das colónias para Portugal, em 1974 e 1975, na sequência do colapso do regime colonial português. Esta população totalizou cerca de 500.000 indivíduos que se dispersaram por todo o território nacional.

## Referencias

França, Luís. 1992. *A Comunidade Cabo Verdiana em Portugal*, Cadernos IED, nº 23. Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.

Governo Geral da Província de Cabo Verde. 1866. “Edital do Administrador do concelho da Praia” in *Boletim Oficial do Governo Geral da Província de Cabo Verde*. 13, 31/3. pg. 3



Gonçalves, Carlos Filipe. 2006. *Kab Verd Band*. Praia: Instituto do Arquivo Histórico Nacional.

González, Luzia Fernández. 2006. “Evolução da comunidade Cabo-verdiana Residente na Marinha Luguesa”. In *As Migrações em Galiza e Portugal. Contributos desde as Ciências Sociais*, ed. Rubén C. Lois González e Rosa M. Verdugo Mates, 217-235. s.l.: Candela.

Horta, Ana Paula Beja. 2008. *A Construção da Alteridade: Nacionalidade, Políticas de Imigração e Acção Colectiva Migrante na Sociedade Portuguesa Pós-colonial*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Lopes, Baltazar. 1949. “O Folclore Poético da Ilha de S. Tiago”. *Claridade* 7: 43-51.

Ribeiro, Jorge Castro. 2007. *Nós somos Finka-Pé! : Batuque performance as claim, evasion and resistance among cape-verdian immigrant women of Bairro da Cova da Moura, Amadora, Portugal*. Paper presented at the XXIII European Seminar in Ethnomusicology, Lisboa, October 11 – 13.

Sieber, Timothy. 2002. “Composing Lusophonia: Multiculturalism and national identity in Lisbon’s 1998 Musical Scene” in *Diaspora* 11:2, 163-188.

\_\_\_\_\_. 2005. “Popular Music and Cultural Identity in the Cape Verdean Post-Colonial Diaspora”. *Etnografica* IX (1): 123-148.

Silva, Tomé Varela da. 1988. *Nha Bibinha Cabral: Bida y Obra*. Praia: Instituto Caboverdiano do Livro.

\_\_\_\_\_. 1990. *Nha Gida mendi: Simenti di Onti na Chon di Manhan*. Praia: Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco.

Young, Robert. 2001. *Postcolonialism: an Historical Introduction*. Oxford: Blackwell.

### Referências da Internet

Associação Cultural Moinho da Juventude. S.d. “Filosofia de Formação” in [http://www.moinhodajuventude.org/associacao/filosofia\\_formacao.htm](http://www.moinhodajuventude.org/associacao/filosofia_formacao.htm) [consultado em 20 de Fevereiro de 2008]

Associação Cultural Moinho da Juventude. S.d. “Traves Mestres” in [http://www.moinhodajuventude.org/associacao/traves\\_mestras.htm](http://www.moinhodajuventude.org/associacao/traves_mestras.htm) [consultado em 20 de Fevereiro de 2008]





**Jorge Castro Ribeiro**, etnomusicólogo. Estudou na Faculdade de Ciências sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Fez trabalho de campo em Portugal continental, arquipélagos da Madeira e Cabo Verde e Brasil. É docente da Universidade de Aveiro e membro do INET – MD.